

Facebook: Espaço de Investigação & Educação Infantil

Mariana Rodrigues Zadminas e Vera Maria Ramos de Vasconcellos

Resumo: O presente estudo busca avaliar, através de uma intervenção netnográfica, via facebook, o que os Professores de Educação Infantil, do município do Rio de Janeiro, egressos do curso de Pedagogia/UERJ, têm a dizer nas redes sociais sobre os próprios saberes e fazeres na prática com bebês em creches e em EDI - Espaços de Desenvolvimento Infantil. Discute o papel do facebook - ferramenta de investigação de formação compartilhada compatível com as necessidades de formação em Educação. Os resultados apontam para um currículo que precisa ser repensado e para o reconhecimento das redes sociais como espaço formativo.

Palavras-chave: Educação Infantil; redes sociais; facebook; Formação Compartilhada.

Abstract: This study aims to evaluate, through a netnography intervention, via facebook, what teachers in early years Education, in the city of Rio de Janeiro, graduates in Pedagogy from UERJ, have to say, on social networks, about their own knowledge and practices with babies in creches and EDI - Child Development Spaces. It discusses the role of facebook – as a shared training research tool – and its compatibility with training needs in education. The results point to a curriculum that needs to be rethought and to the acknowledgment of social networks as a formative space.

Keywords: Early Childhood Education; social networks; Facebook; Shared training

Resumo: Este estudio tiene como objetivo evaluar, a través de una intervención netnografica, a través de Facebook, lo que la educación Profesores Niñez, la ciudad de Río de Janeiro, por supuesto graduados Pedagogía / UERJ , tiene que decir en las redes sociales en sus propios conocimientos y prácticas en la práctica con los bebés en guarderías y EDI - espacios de Desarrollo del niño. Discute el papel de facebook - herramienta de investigación de la formación compartida compatible con las necesidades de formación en materia de educación. Los resultados apuntan a un plan de estudios que tiene que ser repensado y redes sociales como un espacio formativo.

Palabras clave: Educación de la Primera Infancia; redes sociales; facebook; Formación compartida.



Mariana Rodrigues Zadminas Mestranda, PROPED, Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 20550-900, Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: mariana.zadminas@gmail.com

Vera Maria Ramos de Vasconcellos, Doutora em Educação, Profa do PROPED, Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 20550-900, Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: vasconcellos.vera@gmail.com

INTRODUÇÃO

A. Um, atividade profissional ou académica, instituição, 0000-000 Local, País. E-mail: email@ua.pt

A. Dois, atividade profissional ou académica, instituição, 0000-000 Local, País. E-mail: email@ua.pt

A. Três, atividade profissional ou académica, instituição, 0000-000 Local, País. E-mail: email@ua.pt

As novas tecnologias estão inseridas no cotidiano dos cidadãos trazendo com isso mudanças comportamentais significativas e que revolucionam diariamente o modo de agir e pensar das pessoas. Não houve um período na história do mundo em que fosse registrado tamanho fluxo de informação e rapidez nas comunicações como nos tempos de hoje. As crianças estão nascendo imersas em uma relação espaço-tempo, compreendida como uma relação inseparável, onde as formas de comunicação se modificaram completamente

A vida, as relações e a comunicação entre as pessoas se encontram como na propaganda de uma empresa de telefonia celular: “sem fronteiras”. A falta de fronteiras facilita a comunicação “é nesta possibilidade de conexão que as afinidades, objetivos comuns e projetos mútuos podem desenvolver-se em uma constante troca de saberes e de cooperação através de comunidades e grupos inteligentes que compõe as comunidades virtuais” (Cavassani 2014, p.13). E segundo Levy:

[...] “O apetite para as comunidades virtuais encontra-se um ideal de relação humana desterritorializada, transversal, livre. As comunidades virtuais são os motores, os atores, a vida e surpreendente do universal por contato”. (Levy, 1999, p. 132-33).

Mas o que leva alguém a se conectar a uma rede social? Uma série de motivos levam as pessoas a se conectarem as redes sociais. No caso do FB se destacam: reencontrar pessoas que não veem a muito tempo, cultivar relações já existentes, manter contato com os amigos e firmar relações que de outro modo se perderiam (Lampe, et al. 2006; Ellison et al.2007; Sheldon,2008; Lewis & West, 2009; Madge et al. 2009). Contudo, algumas pesquisas afirmam que existem outros motivos que passam pelo campo do gerenciamento de tarefas (contatos, criação e lembretes de eventos, avisos de aniversário e álbuns de fotos), conhecer novas pessoas, se tornar popular entre outros.

O Facebook - FB é uma das redes sociais mais utilizadas no mundo e a sua história ficou mundialmente conhecida em 2010 após o lançamento do filme: A rede social (The social network) de David Fincher. O FB foi lançado em 2004 pelos estudantes americanos Mark Zuckerberg Dustin Moskovitz e Chris Hughes e o brasileiro Eduardo Saverin, todos da Universidade de Harvard. O intuito desse site era organizar uma forma de comparação das garotas da Universidade, através de avaliações da beleza, entre outros atributos. O sucesso do site foi tão grande entre os estudantes, que os criadores resolveram, em 2006, ultrapassar os muros da universidade e ampliaram o acesso para o público externo. As redes sociais existem

alicerçadas em princípios de liberdade de compartilhamento e conexão, fluxo livre de informação, igualdade e liberdade de expressão entre os sujeitos. Esses princípios e a ferramenta de criação de grupos faz com que pessoas com interesses comuns, que se conhecem ou não pessoalmente, possam se conectar facilitando trocas e novos conhecimentos. A criação de grupos é um recurso que possibilita o início de uma discussão a respeito de assuntos comuns e as postagens favorecem o desenvolvimento de discussões entre pares.

A pesquisa aqui apresentada, advém de um estudo etnográfico virtual que buscou observar em cinco grupos de facebook compostos por PEI - Professores de Educação Infantil do município do Rio de Janeiro, que tipos de narrativas de 137 posts a palavra Berçário aparecia e quais eram os questionamentos aí produzidos.

A razão da escolha do tema de investigação está ligada a história profissional da primeira autora, formada em pedagogia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), em 2007. Em 2011, assume o cargo de professora de educação infantil no município e começou a questionar o quanto as disciplinas curriculares cursadas, a haviam preparado para trabalhar com crianças de até 3 anos, em turmas de berçário. Muitas questões começaram a povoar a sua cabeça, a necessidade de ajuda e a curiosidade de saber se mais algum PEI se encontrava na mesma situação que ela, a levou ao facebook, rede social propícia à busca por pares. Passou a fazer parte de cinco grupos fechados e, após a entrada para o mestrado e a decisão de tomar este como seu tema de investigação, iniciou o processo de entender os posts que faziam referência a situações cotidianas, parecidas com as que estava vivendo, como espaço de investigação. Para o seu espanto e alívio haviam muitas pessoas como ela, sentindo na pele a importância de ter sido aprovado no concurso para PEI, chegar a um território (creche) já dominado por outro profissional, AEI – Agente de Educação Infantil e ter dificuldades em planejar e executar atividades pedagógicas no grupamento berçário. Esta foi uma das razões que a levou a buscar o mestrado em Educação, no PROPED/UERJ, linha de pesquisa Infância, Juventude e Educação, sob a orientação da segunda autora.

Este artigo discute a proposta de conectar, através do Facebook, PEI egressos do curso de Pedagogia/UERJ e com eles avaliar as disciplinas de graduação cursadas e a importância delas nas práticas que conseguem desenvolver nos berçários em creches municipais e EDI-Espaço de Desenvolvimento Infantil, da cidade. O trabalho com crianças de 0 a 3 anos é muito rico e repleto de descobertas, lugar onde tudo acontece de maneira muito rápida. Assim, quando um professor passa a ser responsável por um berçário, pode não se sentir preparado para tal função. Por isso procura algum espaço em que possa compartilhar suas inseguranças e problemas. Este espaço tem sido, para muitos com frequência o Facebook. Nele esperam comentários, conselhos, palavras de encorajamento. O Facebook têm se constituído nesse lugar, por garantir uma maior presença online que aproxima sujeitos com questões próximas em grupos e páginas.

Por esta razão uma pesquisa que tenha o Facebook como campo de investigação e a etnografia digital como método pode ser possível e instigadora. O etnógrafo não é um simples voyeur ou um observador sem propósito, mas sim um participante que compartilha preocupações, emoções e compromissos com os sujeitos pesquisados (Hine, 200). Isto exige do participante/pesquisador não só sensibilidade na interação, mas e, principalmente, um constante questionamento do seu papel nas interações e sua sensibilidade para uma compreensão etnográfica do fenômeno.

I. BREVE HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO INFANTIL CARIOCA

A rede de creches públicas municipais do Rio de Janeiro origina-se, em grande parte das creches comunitárias organizadas pelos movimentos sociais, especialmente pelo grupo de mulheres vinculados a associações de moradores e entidades nos anos 1970 e 1980. Em paralelo à ação de alguns desses movimentos e em acordo às políticas de entidades internacionais (UNISCO, Banco Mundial), que incentivaram a elaboração de políticas destinadas à população de baixa renda. Em todo país, passa a haver uma ampliação de políticas públicas voltadas para Educação Infantil, antes vistas como de responsabilidade da assistência e da saúde. Após um longo percurso, em 2003, sete anos após a promulgação da LDB/96, a prefeitura da cidade determinou a passagem da responsabilidade pelas creches à Secretaria Municipal de Educação, antes esse “atendimento” estava a cargo da Secretaria Municipal de Saúde (Aquino, 2009).

Em 2005 um concurso para o cargo de Agente Auxiliar de Creche foi elaborado, oficializando essa nova realidade. Nele era exigindo somente o nível fundamental de ensino, como formação mínima para o ingresso no cargo, em desacordo com a política nacional de valorização do magistério. O concurso gerou muitas discussões e protestos, já que a qualificação para a função feria frontalmente a legislação nacional vigente, que determina a formação em magistério para atuar com crianças de qualquer idade (BRASIL, 2005)

Em 2010, a prefeitura lança novo edital, desta vez para o cargo de PEI - Professor de Educação Infantil, exigindo nível médio - modalidade normal, como requisito de ingresso. Em 2011 os primeiros PEI tomam posse e assumem a responsabilidade pelo fazer pedagógico nas creches e EDI.

O concurso para professor de Educação Infantil da prefeitura foi bastante concorrido. O processo seletivo foi composto por provas objetivas, discursivas e uma prova prática de aula. As inscrições eram realizadas por CRE – Coordenadoria Regional de Educação e ao tomarem posse as professoras escolhiam creches vinculadas à coordenadoria do concurso. Mesmo regionalizadas, após a escolha da creche, nenhum tipo de suporte formativo foi desenvolvido para os novos profissionais. Por isso, profissionais narraram, através dos grupos de PEI no Facebook, muitas dificuldades encontradas ao se depararem no efetivo exercício com turmas de berçário.

II. METODOLOGIA

Uma gama de fatores influencia a escolha metodológica de uma pesquisa: o contexto, as questões e caminhos a serem trilhados durante o trajeto. Para esta pesquisa foi escolhida uma metodologia qualitativa-quantitativa, na perspectiva de que pesquisas de cunho social investigam sujeitos e contextos, portanto, a partir de dados quantificáveis e objetivos, é possível tecer análises que traduzam aspectos subjetivos da realidade (Minayo, 2010). Quando se realiza uma pesquisa em redes sociais ainda há muitas dúvidas quanto a nomenclatura que deve ser utilizada.

A organização em redes existe outros tempos e espaços, pois a sua abrangência penetra em outras classes sociais. O novo paradigma da tecnologia da informação fornece a

base material para a expansão e a entrada em outras estruturas sociais. Castells (1999). Pessoas de classes variadas tem a oportunidade de acessar o mesmo conteúdo que circula livremente pelas redes sociais.

As redes sociais se desenvolvem no ciberespaço:

O termo [ciberespaço] especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informação que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. Quanto ao neologismo 'cibercultura', especifica aqui o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço (Lévy, 1999, p. 17).

O importante é perceber que o ciberespaço é "ao mesmo tempo, coletivo e interativo, uma relação indissociável entre o social e a técnica. Essa perspectiva nos leva a pensar o ciberespaço, então, como um potencializador de infinitas ações interativas, um novo espaço de comunicação, de sociabilidade, de reconfiguração e de autorias" (Santos, 2012, p. 162). O ciberespaço é um ambiente que não se desliga da realidade, onde tudo acontece em tempo real, por isso para Monteiro (2007, S/N):

[...] um mundo virtual, onde são disponibilizados variados meios de comunicação e interação em sociedade. Um universo virtual onde se encontram quantidades massivas de dados, informações e conhecimento em que os textos são "mixados" a imagens e sons, em um hipertexto fluido e cheio de possibilidades, ou seja, um ambiente não físico, mas real, um espaço aberto, cheio de devires, onde tudo acontece instantaneamente, em tempo real e de durabilidade incerta[...]

O ciberespaço abre possibilidades para novas mediações com a cultura contemporânea, novas formas de comunicação e atitudes aparecem, nesse contexto se deu o surgimento da cibercultura. Para Santos (2011) O espaço digital faz a mediação entre a cultura contemporânea e a interação com a cultura, o que podemos chamar de cibercultura. Ela por sua vez se caracteriza pela presença direta e constante da informática e tecnologia no dia –a-dia das pessoas, o que podemos chamar de mobilidade ubíqua. Essa mobilidade permite uma maior comunicação através dos ciberespaços.

Segundo Cavassani (2014, p.11):

"O grande triunfo de uma comunicação transversal suportada na grande rede mundial de computadores é a alta capacidade de comunicação experimentada pelo usuário individual. Constitui-se assim, sem temores de supervalorização ou mesmo de equívoco no termo, de uma libertação do indivíduo em relação ao uso e transmissão de informação."

A cibercultura permite essa fluidez na transmissão das informações, liberta o indivíduo e permite a participação ativa na construção da cultura e o lugar de reprodutor e consumidor de cultura passa a ser questionado. "Pela primeira vez as pessoas estão efetivamente podendo produzir ou tentar buscar sentido nas suas vidas a partir desses dispositivos" (Lemos, 2009 apud Pinho, 2011, p. 100).

A autoria é repensada e o sujeito passa a ter maior liberdade para interferir nos acontecimentos e cada vez criar e divulgar informações “Essa nova reconfiguração emerge com os três princípios básicos da cibercultura: liberação do polo de emissão, conexão generalizada e reconfiguração social, cultural, econômica e política” (Lemos; Levy, 2010, p. 45). Não existe mais um único órgão emissor de informação como em décadas passadas onde o folhetim e o rádio trariam a notícia. Agora, as informações são criadas e recriadas a partir dos blogs, chats, redes sociais, sem deixar de considerar os grandes jornais que continuam em circulação; porém, hoje em dia, eles podem ser questionáveis e terem suas notícias discutidas e (re)transmitidas nas mídias sociais, possibilitando a todos informar, criticar e até mesmo discordar do que é notificado.

O ciberespaço expande por natureza e cada vez mais se questiona o uso das novas tecnologias no âmbito educacional.

O Facebook foi escolhido nesta pesquisa, pelos recursos, funcionalidade e aplicativos que favorecem as interações e mesmo uma aprendizagem compartilhada, por meio do diálogo e da construção. O FB tem sido fonte de pesquisas no âmbito mundial. Por exemplo, Patricio & Gonçalves (2010) procuraram analisar o papel educativo do FB, na partilha de informação e na geração de conhecimento entre estudantes de diferentes áreas e idades. Apesar de não ter sido criado para ser utilizado como ambiente virtual de aprendizagem, esta e outras redes sociais têm assim reconhecidas. Tudo isso causa um grande questionamento sobre o papel das redes sociais no processo de aprendizagem e, para esta pesquisa ele será utilizado no processo de formação compartilhada.

Existem ainda muita discussão entre o uso da terminologia etnografia virtual e netnografia quanto a conceituação de pesquisa em ambientes virtuais. Para Montardo & Passerino (2006, p.6) a netnografia é “uma das ferramentas metodológicas”, ao lado e dando suporte à etnografia, “capazes de proporcionar o acesso dos pesquisadores da área às caracterizações específicas da contemporaneidade, sobretudo a virtualidade, a desmaterialização e a digitalização de conteúdos, formas, relacionamentos, produtos, etc.” Sá (2005, p.29) define “netnografia como uma proposta de metodologia de fato etnográfica, apenas sinalizando com o prefixo “net” que se trata de um objeto de investigação que está inserido também em contextos mantendo, assim, “os procedimentos básicos da tradição etnográfica”: 1) a postura inicial de estranhamento do pesquisador em relação ao objeto”, 2) “a consideração da subjetividade como elemento fundante”, 3) os “dados resultantes da observação” como construções do pesquisador sobre interpretações feitas por outras pessoas e, por fim, 4) o entendimento de que o relato etnográfico é “uma tradução da qual resulta um texto antes de tudo entretecido por textualidades múltiplas” .

Kozinets (2007) recupera quatro procedimentos básicos de metodologia da netnografia e acrescenta novas possibilidades de pesquisa – não tão novas, mas que não foram previstas em seus textos anteriores. Segundo o autor, “enquanto a Internet continua a crescer, essas técnicas se tornam até mais relevantes para audiências gerais e para as compreensões contemporâneas, e quaisquer mudanças feitas para serem adaptadas ao ambiente digital podem apenas servir para deixá-las mais úteis” (Montardo & Passerino, 2006). Tais procedimentos são: (a) entrée cultural; (b) coleta e análise dos dados; (c) ética de pesquisa; (d) feedback e checagem de informações com os membros do grupo. As etapas mudam de ordem de acordo com a primeira inserção (à exceção da entrée cultural que é, logicamente, a primeira inserção), mas se fundem e se sobrepõem (Kozinets, 2007).

Segundo Amaral (2010) ainda há muito a ser problematizado em torno das abordagens etnográficas dos estudos sobre Internet e outras tecnologias de comunicação – assim como discussões sobre outras metodologias de ordem empírica e teórica – para a compreensão da cultura digital que se esparrama pelo offline através de aplicativos, ferramentas de realidade aumentada, comentários e conversações em microblogs e novos formatos e produtos comunicacionais que, ao surgirem, carregam tracejados simbólicos, códigos e outros padrões de comportamento cultural inscritos a partir da sociedade que os desenvolveu.

Nesta pesquisa um levantamento etnográfico ou netnográfico (como é chamado por alguns autores) no facebook foi realizado para perceber quais são os comentários que são referentes à palavra berçário. Foram acionados grupos relacionados a Educação infantil, município do Rio de Janeiro e PEI para procurar posts que fizessem referência a essa palavra. Foi digitada a palavra: berçário em 5 grupos diferentes no facebook para perceber quais eram os posts que se relacionavam com a palavra.

Passamos a analisar as temáticas propostas por 137 posts, dos cinco grupos. Em todos encontramos postagens que refletiam muita incerteza na escolha da profissão e insegurança na qualidade e adequação do trabalho realizado, principalmente com os bebês nos berçários.

Nas primeiras análises tiveram como loci cinco grupos, agrupamos 13044 membros, sendo que alguns participantes estavam simultaneamente em mais de um grupo. Trabalhamos na categorização dos posts e no levantamento de dados mais detalhado de cada grupo. Temos investido em formular questões básicas e seguir com o grupo, a partir das demais questões trazidas por outros membros. Como por exemplo neste post:

- “Boa Noite! Alguém tem sugestões para o trabalho com o berçário? Estou um pouco perdida, nunca trabalhei com crianças tão pequenas”.

Algumas respostas:

- “É difícil mesmo. Temos que dar muito colo (sentada sempre) senão você vai arrebentar a sua coluna ...”

- “Eu tive muita dificuldade, visto que tive o “azar” de pegar o berçário [...] fiquei realmente como babá das crianças”.

- “Estou exausta, não me sinto nem prof, me sinto uma babá”.

Priorizamos as temáticas mais aclamadas na rede social, trazidas por berçaristas, para seguir com as análises, sensibilizar novas e criar novos entendimentos. Alguns achados já fazem parte de nossas análises, a partir de item apontado por berçaristas de creches municipais. Um deles nos apontam que o berçário é o último espaço a ser lotado por PEI, pois em muitos casos o maternal (crianças de 2 a 3 anos) tem prioridade no momento da organização das turmas. As turmas das crianças maiores, normalmente são contempladas primeiro e por último, se ainda estiver algum PEI disponível, lota-se o berçário. Algumas gestoras declaram na hora da organização das turmas, que não veem necessidade de um PEI trabalhar no berçário, por serem bebês/crianças pequenas com necessidades básicas ainda muito acentuadas. Isto acontece principalmente se há outras turmas, de crianças com mais idade, sem professor. Outras berçaristas declaram terem encontrado, mesmo no discurso oficial das Coordenadorias Regionais de Educação dizeres que coloca o berçário como um espaço destinado ao cuidar e por isso outras turmas, com crianças maiores, devem ter

prioridade. Assim as vagas destinadas aos profissionais do berçário são preenchidas por Agentes Auxiliares de Creche, que atualmente passaram a ser chamados de Agentes de Educação Infantil (AEI). Outras postagens relatam a vinculação de PEI em berçário como castigo. Gestoras ameaçam, com frases “Se não conseguir domínio de turma, te coloco no berçário !!!”

Neste primeiro momento não houve a preocupação em saber quem era egresso da UERJ ou não, e sim quais eram os posts que se relacionavam com a palavra berçário e quais eram as maiores questões trazidas por PEI. Os dados presentes nas redes sociais permitiam um olhar que privilegiasse o berçário, para entender melhor o que estava acontecendo na rede municipal de educação e como a universidade poderia estar envolvida ou não nessas questões. Os resultados dos comentários foram divididos em categorias: Comentários relacionados à Instituição, atividades pedagógicas, saúde do PEI e as dificuldades encontradas na prática no berçário. Segue abaixo exemplos de comentários direcionados à cada categoria:

Exemplos de comentários:

Instituição:

- “Eu entrei agora e tem só uma semana e a diretora já mostrou vários ofícios e e-mails enviados pela assessoria pedindo pessoal eles alegam que não tem, e eu pergunto e o banco de concursados?”

Atividades pedagógicas:

- “[...] o lado pedagógico vai para o beleléu, só dá mesmo pra “tomar conta” e cuidar para que nenhum dos pequenos saiam com nenhum arranhãozinho se quer, e ainda comam, e fiquem bem limpinhos para as mães buscarem.”

Saúde do PEI:

- “[...] os choros são doloridos para os nossos ouvidos. Saio da escola com dor de cabeça.”

Dificuldades encontradas na prática:

- “Preciso de ideias, estou no berçário completamente perdida. ”

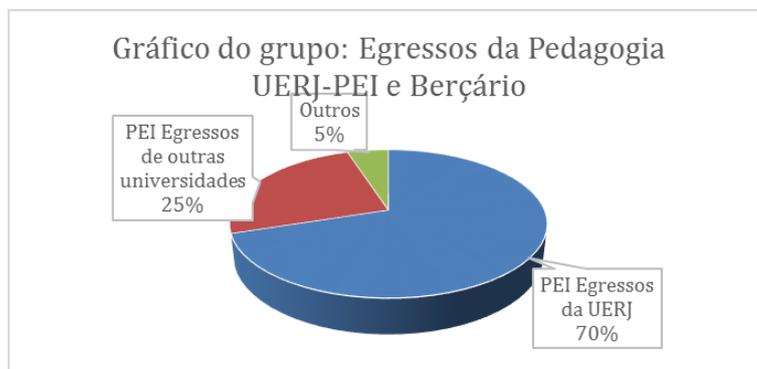
Após produzir uma listagem e categorização de posts, com os respectivos comentários nos cinco grupos escolhidos, foi necessário focar no que de fato gostaríamos de investigar: - os PEI egressos da UERJ usufruem do que aprenderam na graduação em pedagogia, na prática cotidiana do berçário? Quais são os saberes aprendidos na graduação a respeito da prática com bebês?

As questões exigiram a criação de um grupo fechado no facebook, específico para a pesquisa. Este grupo é formado por PEI, egressos da UERJ e que trabalham no berçário. Para tanto foi feito um convite nos cinco grupos:

“Se você é egresso do curso de pedagogia da UERJ, PEI e trabalha no Berçário, não fique de fora deste grupo: Egressos da Pedagogia UERJ-PEI e Berçário”.

O grupo conta hoje com 63 (sessenta e três) membros sendo:

GRÁFICO 1:



O grupo é assim descrito:

Este grupo tem como objetivo convidar quem é PEI, egresso do curso de pedagogia da UERJ e trabalha no Berçário para juntos pensarmos a formação oferecida pela Universidade e a prática no Berçário. As questões aqui comentadas serão dados de pesquisa da dissertação: O que os PEI egressos do curso de Pedagogia da UERJ tem a dizer sobre a formação e a prática com bebês? Foi organizado pela PEI e também mestranda (1ª autora) e está sob a orientação da (2ª autora). Será colaborativo onde juntos poderemos criar estratégias e trocar ideias a respeito da prática no Berçário.

Após termos nos apresentados como pesquisadoras, solicitamos às colegas usuárias do facebook permissão para tê-las como parceiras de pesquisa. Declaramos estarmos dando preferência aos berçaristas egressos do curso de pedagogia da UERJ, mas em nenhum momento desconsideramos os depoimentos de outros PEI do grupo, oriundos de outras universidades, que desejassem permanecer no grupo de pesquisa. As narrativas analisadas privilegiam aspectos que envolvem as relações nas instituições em que trabalham desde a relação criança- criança, professor-criança, professor- agente, professor-direção e professor – família. Contudo, os relatos permeiam em sua maioria as dificuldades de encontradas na prática com os bebês, dúvidas quanto as atividades pedagógicas que são destinadas a faixa etária de 0 a 2 anos e muitas vezes a respeito da saúde do profissional que atua no berçário e se sente cansado e fatigado com tantas atribuições e pouco reconhecimento por parte da instituição e até mesmo por eles próprios que não vêem a função de berçarista como atribuição de professor. Como diz o relato dessa PEI que está licenciada:

“ [...] chorei muito e hoje estou de licença. Nunca tive problemas nenhum no município. Mas, conviver com as situações dentro de um berçário 10 horas por dia é complicado. Enfim, estou me recuperando emocionalmente para retornar. Não sei como será. ” (S.M, PEI 40h)

III. ONDE ESTAMOS?

O trabalho tem sido copilar depoimentos que discutem o trabalho com bebês e suas principais soluções e dificuldades no fazer cotidiano do berçário. Avaliamos com eles o quanto a graduação cursada traz subsídios para o trabalho realizado. Temos como eixo básico de investigação as seguintes questões: (i) que avaliação fazem do curso de pedagogia realizado

na UERJ, no que tange às práticas com bebês; (ii) como veem o trabalho no berçário; (iv) como avaliam a sua atuação profissional nesse espaço educacional (berçário).

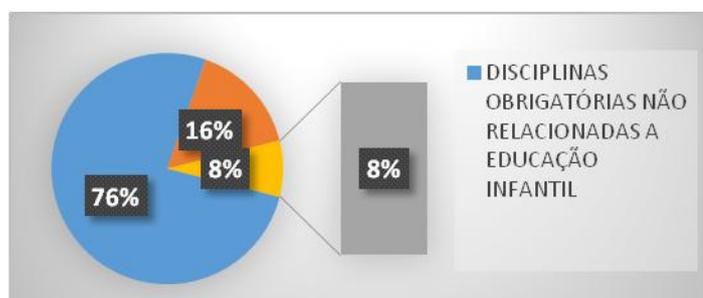
Um outro objetivo deste estudo é avaliar as estratégias de comunicação utilizadas pelas PEI, via facebook. Algumas postagens já nos respondem as perguntas referentes ao curso de pedagogia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Em sua maioria, diziam que o curso de graduação não oferece nenhuma disciplina específica para o trabalho com bebês. Como o post desta PEI egressa da UERJ:

- “ De fato, a maioria dos cursos “normal” e pedagogia não tem disciplinas que tratam do trabalho com berçário. Aliás, da modalidade creche como um todo”.

Existem disciplinas que envolvem o desenvolvimento infantil, existe núcleos de pesquisa dedicados à Educação Infantil, porém não há nenhuma especificidade com relação aos bebês. Apesar do curso de pedagogia da UERJ ser o mais antigo do Brasil e no currículo proposto, a partir de 2003, haver seis disciplinas relacionadas à Educação Infantil e as questões da Infância. Mesmo assim ao verificarmos a grade curricular das disciplinas e ouvirmos os relatos dos egressos constatamos que muito pouco se refere ao trabalho desenvolvido nos berçários e as suas peculiaridades.

O gráfico abaixo nos mostra a relação das disciplinas obrigatórias do curso de pedagogia da UERJ, dentre elas as que apresentam em seus títulos indícios de questões relacionadas a Educação Infantil e as que de fato apontam em suas ementas o trabalho com crianças a partir do zero ano de idade¹:

GRÁFICO 2: DISCIPLINAS OBRIGATÓRIAS



O gráfico deixa claro que somente 16% das disciplinas obrigatórias se relacionam com a infância e somente 8% direcionam o olhar para a creche e pré-escola. Ou seja, existe uma lacuna na grade curricular da faculdade de educação da UERJ que impossibilita o aluno a entender as nuances que envolvem o trabalho do professor de educação infantil que atua no berçário.

¹ Serão excluídos do gráfico as disciplinas Pesquisa e Prática Pedagógica I, II, III, IV, V, VI: Estudos da Infância e a disciplina: Monografia em Educação I, II: Estudos da Infância, pois são disciplinas obrigatórias, mas de livre escolha pelo aluno. Não há garantia o graduando passe por elas no decorrer da sua graduação. Iremos nos ater as disciplinas que são oferecidas em caráter obrigatório.

O facebook através das interações de seus usuários em grupos de interesse comum, tem sido fonte de informação e formação para muitos PEI que buscam por soluções e até mesmo consolo diante desta lacuna deixada pela universidade em relação a uma formação em pedagogia que garanta um trabalho pleno no berçário carioca. A pesquisa continua em sua catalogação de postagens e na compreensão das estratégias utilizadas pelas PEI para sanar a lacuna deixada pela universidade e a buscar a formação informal e compartilhada possível através das redes sociais.

REFERÊNCIAS

- Amaral, A. (2010) Etnografia e pesquisa em cibercultura: limites e insuficiências metodológicas. Revista USP, São Paulo, n.86, p. 122-135, junho/agosto.
- Aquino, L. M. L. (2009) Creches comunitárias e a política de Educação Infantil pública na cidade do Rio de Janeiro. Revista FAEEBA, Salvador, v. 1, p. 207-218.
- Brasil. (2005) Decreto no 5.622, de 19 de dezembro de 2005. Regulamenta o art. 80 da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional (referente ensino à distância). Diário Oficial da União, Brasília, DF, 20 dez.
- Castells, M. (1999) Sociedade em rede. São Paulo e Terra.
- Cavassani, T. B. (2014) Rede social no ensino superior de Química: o facebook enquanto ferramenta complementar às atividades presenciais. Ribeirão Preto.
- EDUCAUSE (2015) Seven Things you should know about facebook II (online). Disponível em: <<http://net.educause.edu/ir/library/pdf/ELI7025.pdf>>. Acesso em 25 out.2015.
- Ellison, N., Steinfield, C.; & Lampe, C. (2007) "The Benefits of Facebook "Friends:" Social Capital and College Student's Use online social networks sites". Journal of Computer-Mediated Communication, 12, 2007, p.1143-1168.
- FACEBOOK. (2015) Princípios. Disponível em <http://www.facebook.com/principios.php>. Acesso em: 25 de out. 2015.
- Hine, C. (2000) Virtual ethnography. London, Sage, 224 p.
- Kozinets, R. 2007. "Netnography 2.0". In: R. BELK, (ed.), Handbook of qualitative research methods in marketing. Northampton, Edward Elgar Publishing, 302 p.
- Lampe, C., Ellison, N, & Steinfield, C (2006) "A Fce(book) in the crowd: Social searching vs. social browsing". Proceedings of the 12006-20th Anniversary Conference on Computer Supported Cooperative Work. New York: ACM Press, 2006, p.167-170.
- Lévy, Pierre. (2007) A Inteligência coletiva. Edições Loyola.
- Lewis, J., & Westa, A. (2009) "Friending": London-based undergraduate's experience of Facebook. New Media & Society, 11, p. 1209-1229.
- Madge, C., Meek, J., Wellens, J., & Hooley, T. (2009) Facebook, social integration and informal learning at university: it is more for talking to friends about work than for actually doing work. Learning Media and Technology, 34, p.141-155.
- Minayo, M.C. de S. (2010). O desafio do conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde. (12ª edição). São Paulo: Hucitec-Abrasco.
- Montardo, S.; Passerino, L. (2006) Estudo dos blogs a partir da netnografia: possibilidades e limitações. Revista Novas Tecnologias na Educação, 4(2):1-10.

Monteiro, S. D.; Pickler, M. E. V. (2007) O ciberespaço: o termo, a definição e o conceito. Datagramazero, Rio de Janeiro, v. 8, p. 1-18.

Patricio & Gonçalves, V. (2007) Facebook: rede social educativa? Biblioteca digital IPB online. Lisboa: universidade de Lisboa; Instituto de educação.

Pinho, J. A. G. (2011) Sociedade da informação, capitalismo e sociedade civil: reflexões sobre política, internet e democracia na realidade Brasileira. Revista de Administração de Empresas, v. 51, n. 1, p. 98-106.

"post", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <http://www.priberam.pt/dlpo/post>. Acesso em 25-10-2015.

Sá, Simone. (2005) O samba em rede – Comunidades virtuais, dinâmicas identitárias e carnaval carioca. Rio de Janeiro: E-papers.

Santos, E. (2011) A cibercultura e a educação em tempos de mobilidade e redes sociais: conversando com os cotidianos. Práticas Pedagógicas, Linguagem e Mídias, p.p 75 -98.

Sheldon, P. (2008) Student Favourite: Facebook and motives for its use. Southwestern Mass Communication Journal, 23 (2), p.39-53.